

A MEDIAÇÃO DE PROFESSOR NA REESCRITA DE TEXTOS DE ALUNOS NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE MEDIATION OF THE TEACHER IN THE REWRITING OF TEXTS OF STUDENTS FROM THE NINTH GRADE OF MIDDLE SCHOOL

Jakeline Soares Sucupira (UFPI)¹
Naziozênio Antonio Lacerda (UFPI)²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a mediação do professor na reescrita de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental. A metodologia da pesquisa consta de uma abordagem qualitativa, seguindo métodos bibliográfico e observacional. Buscou-se fundamentação teórica em Antunes (2003), Suassuna (2011), Leite e Pereira (2012), Buarque (2013) e Gasparotto e Menegassi (2012, 2013). Realizou-se entrevista com uma professora e observação em sala de aula com seleção de 02 (dois) textos de alunos, na Unidade Escolar Raimundo Wall Ferraz, da rede pública estadual de ensino, localizada na cidade de Teresina-Piauí. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram roteiro de entrevista estruturada e ficha de observação. Os resultados mostram que no processo de reescrita dos textos dos alunos ocorreram as operações linguísticas de adição ou acréscimo, substituição, supressão e deslocamento. A análise revela que a mediação da professora é imprescindível na reescrita de textos dos alunos para que estes possam aperfeiçoar a produção textual.

Palavras-chave: Mediação do professor. Reescrita textual. Ensino fundamental.

Abstract: This work aims to analyze the mediation of the teacher in the rewriting of texts of students from the ninth grade of Middle School. The research methodology consists of a qualitative approach, following the bibliographical and observational methods. The theoretical basis of this research is grounded in Antunes (2003), Suassuna (2011), Leite and Pereira (2012), Buarque (2013) e Gasparotto and Menegassi (2012, 2013). An interview was carried out with a teacher as well as class observation with the selection of 02 (two) texts of the students, in the Raimundo Wall Ferraz School Unit, from the state public school network, located in the city of Teresina-Piauí. The instruments used to collect data were a script of structured interview and observation sheet. The results show that during the process of rewriting the texts of the students the linguistics operations of addition, replacement, suppression and displacement occurred. It is concluded that the mediation of the teacher is extremely necessary when rewriting the texts of the students so that they improve their text production.

Keywords: Teacher mediation. Text rewriting. Middle School.

¹ Graduada em Letras-Português pela UFPI. E-mail: jakelinesucupira@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela UFMG. Professor da Graduação e Pós-graduação em Letras na UFPI. E-mail: zenolacerda@gmail.com

Introdução

A produção de texto é um dos assuntos mais temidos pelos alunos. Fazer um texto é, para muitos deles, algo considerado difícil. O reescrever, então, é quase uma tortura, e isso se deve à falta de prática.

Como a escrita não é um produto, e os alunos precisam ter consciência disso (GASPAROTO; MENEGASSI, 2013), pode ser alterada a qualquer momento, e essas alterações vêm do próprio aluno ou do professor. Quando esse papel é assumido pelo professor ele se tornará o mediador do texto.

O aluno do ensino fundamental tem a capacidade de reescrever seu texto, porém, o mais adequado seria que ele obtivesse o olhar de outra pessoa, no caso um professor, em seu texto, para orientá-lo de forma correta.

Nesse contexto, o trabalho de reescrita textual vai ajudar bastante no decorrer de sua vida acadêmica e profissional, pois é um treinamento de escrita e leitura. O conhecimento do tema, juntamente com leituras e com as técnicas de produção textual, o ajudarão na reescrita do texto, claro, com a orientação do professor. Por isso, partimos da seguinte questão: Até que ponto ocorre a mediação do professor na reescrita de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental?

O objetivo geral da pesquisa é analisar como o professor faz a mediação na reescrita de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental. Para alcançar o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: identificar as estratégias que são utilizadas pelo professor na mediação em sala de aula; verificar a eficiência dessas estratégias na reescrita de textos; e analisar como o professor atua no papel de mediador na reescrita de textos.

Na revisão da literatura, buscamos fundamentação teórica em Antunes (2003), Suassuna (2011), Leite e Pereira (2012), Buarque (2013) e Gasparotto e Menegassi (2012, 2013), dentre outros autores.

Estruturamos o nosso trabalho nas seguintes partes: a relação entre pontos básicos do processo de escrita: produção de texto, revisão de texto e reescrita; os operadores linguísticos da reescrita de textos: adição ou acréscimo, supressão, substituição e deslocamento; a mediação do professor na etapa da reescrita de

textos; a metodologia adotada nesta pesquisa; e análise e discussão dos dados gerados.

1 Etapas básicas da escrita: produção, revisão e reescrita de texto

A escrita é uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal de ideias, de informações, de intenções, de crenças ou de sentimentos que queremos partilhar com alguém, para interagir com ele (ANTUNES, 2003). Assim, nesta seção, discutimos pontos básicos da escrita, enfocando a relação entre as etapas de produção, revisão e reescrita de texto.

1.1 Produção de texto

A prática da escrita sempre pressupõe uma interação entre escritor e leitor, por isso sempre se escreve pensando em quem vai ler o texto. É aí que está presente a interação da escrita, no momento da leitura, no qual o escritor, de certo modo, conversa com o leitor, transmitindo seus pensamentos a ele, disseminando informação ou conhecimento, criando uma relação escritor-leitor.

Canetas à mão não é o suficiente para esse ato. É necessário saber sobre o que escrever. De certa forma, a escrita mostra uma opinião, e é por ela que se é 'julgado'; então, a maneira de se expressar será a forma como todos enxergaram o escritor. É nisso que surge a necessidade de ampliar, da melhor maneira possível, as informações sobre a percepção das coisas, quanto mais se obtém conhecimento mais fácil ficará a escrita e mais informações poderão ser repassadas.

A prática de escrita sempre foi uma das grandes preocupações no meio educacional, e hoje, devido às mudanças no método de ingresso no ensino superior, a sua importância aumentou. Com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a redação conseguiu alavancar sua importância no âmbito escolar de forma bastante significativa, já que ela é vista como o item mais valioso para uma boa nota.

Um das práticas mais temidas pelos alunos é, exatamente, a produção textual. Isso se deve à falta de conhecimento sobre os temas a serem abordados; e não saber o que escrever é o que deixa essa prática torturante na hora de sua

execução. A correção do professor, o medo dos erros e da exposição dos textos também são fatores que amedrontam os alunos.

O aluno deve conhecer sobre o que vai escrever, deve ser antecipado a ele, pelo professor, o tema ou apresentado em sala de aula com textos de apoio. O tipo de texto e a quem o texto se destina (público-alvo), mesmo que de forma ficcional, também é algo a ser dito aos alunos. Além disso, o aluno deve ser apresentado aos gêneros textuais, suas características composicionais, conteúdos e estilos.

Depois de conhecidos todos os detalhes, começa-se a ação da escrita do texto. Deve ser feito um planejamento, observando todo o seu entorno, tema, para quem o texto será escrito, gênero, e organização de ideias. “Na escolha dos critérios de ordenação de ideias, é relevante prever como a informação vai ser distribuída ao longo do texto” (ANTUNES, 2003, p.55). Em seguida, é o momento da escrita, onde os pensamentos serão colocados no papel, seguindo o planejamento, visando sempre à fidelidade ao que foi proposto. Depois de escrito o texto, é preciso retomá-lo e ver como as ideias foram distribuídas. É o momento da revisão.

1.2 Revisão do texto

Depois de escrito o texto, é a hora da revisão. A revisão do texto é o momento em que o autor vai tomar posse de seu texto e verificar se o planejamento foi realmente seguido. Se houve a organização das ideias e se não houve fuga ao tema, vai também verificar todos os detalhes gramaticais e ortográficos de uma boa escrita.

No contexto escolar, a revisão é a correção. Basicamente o professor faz a correção de ortografia, de coerência, de coesão, da pontuação, de toda a parte que rege a gramática da língua portuguesa. E isso para muitos alunos já é a revisão, apenas o fato de eliminar esses erros já seria a reescrita e o suficiente para o texto estar terminado. Mas isso não é tudo, apesar da correção estar inserida na revisão, elas têm suas diferenças.

Como já foi dito, a correção é apenas a eliminação de possíveis erros gramaticais que podem estar presentes no texto e a revisão é uma maneira de

verificação do que foi escrito, se o que estava proposto antes foi realmente executado. E é claro que ambas têm sua importância na escrita de um texto.

No meio escolar, é imprescindível que o aluno conheça o processo de produção escrita e que sejam proporcionados momentos de revisão para que ele se habitue a olhar a primeira versão de seu texto como um produto inacabado, provisório, que pode ser revisado e reescrito quantas vezes forem necessárias (ANTUNES, 2003).

Logo após o texto revisado, começa a ação da reescrita, onde o escritor/aluno vai fazer as modificações no texto; modificações estas que já foram adiantadas na revisão.

1.3 Reescrita de texto

Feita a revisão do texto e observados os detalhes pertinentes às regras da língua, é o momento da reescrita. Antunes (2003) cita três etapas para uma boa produção textual: o planejamento, a escrita e a reescrita. Nesta última se encaixa a revisão.

Na visão de Menegassi (2001), a reescrita é vista como um processo presente na revisão, como um produto que dá continuação a esse processo. Na verdade, é um produto que dá origem a um novo processo, permitindo uma nova fase na construção do texto. No momento que o aluno revisa seu texto ele já começa a fazer reflexões para uma nova construção deste.

Por ser um processo e não um produto acabado, o texto vai estar sempre em modificação. É no momento da revisão que o escritor vai começar a observar com mais clareza o que foi dito e começar a fazer modificações buscando uma melhoria no seu texto. Segundo Chenoweth (1987), citado por Menegassi (2001), a reescrita é um processo de descoberta da escrita pelo próprio autor. É o momento que ele vai analisar a si mesmo e começar a pensar em novas ideias, em novas informações a serem inseridas no texto.

A cada leitura do texto e a cada nova fonte teórica lida aparece sempre algo que pode ser modificado, acrescentado ou retirado. E essas modificações, chamadas de operadores linguísticos, fazem parte da reescrita. Muito próxima à

revisão e ligado a ela, a reescrita é um método de aperfeiçoamento do conteúdo do texto. E ela só surgirá quando o escritor tiver plena certeza do que está querendo transmitir com sua escrita.

No meio escolar, esse processo de reescrita por vezes é deixado de lado. O aluno não tem a oportunidade de, ao menos, tentar melhorar seu texto e isso se deve a vários fatores. O que deve ficar claro é que apesar da importância nítida da redação, essa prática é retardada e só passa a ser olhada com uma devida atenção no Ensino Médio, por conta da pretensão de ingresso no Ensino Superior. Esse retardamento da reescrita de textos agrava a situação, já que essa prática só traz benefícios à vida acadêmica dos alunos.

A prática de “redações” escolares – normalmente realizada num limite escasso de tempo, frequentemente improvisada e sem objetivos mais amplos que aquele de simplesmente escrever – leva os alunos a produzirem textos de qualquer maneira, sem um planejamento prévio [...] (ANTUNES, 2003). E esse é o maior déficit que existe, se a escrita é feita de qualquer forma, conseqüentemente nem reescrita haverá. A correção feita pelo professor não vai trazer nenhum benefício aos alunos, a não ser ‘decorar’ pequena regra ortográfica; ‘passar a limpo’ já será o produto acabado, finalizado e pronto, reescrita feita!

A reescrita deve ser orientada por um agente. No caso, o professor pode ajudar o aluno, dando sua opinião e o fazendo ver novos detalhes que podem ser retirados do texto ou acrescentados a ele. Uma maneira que também é bastante interessante é fazer a troca de experiências entre aluno-aluno, por meio da qual eles mesmos podem dar dicas uns aos outros, a fim de mostrarem suas opiniões e isso faz com que ampliem seu repertório e a forma de pensar.

Podemos dizer que a reescrita textual é uma das etapas mais importantes na produção de um texto e está sendo deixada de lado na vida escolar. Junto com a reescrita, além de melhorias no texto, obtêm-se vários benefícios para o aluno. A prática de ler e reler seu texto, buscar fontes, traz grandes melhorias na leitura e escrita de quem a pratica. Esse ato faz com que o aluno habitue-se a ler ampliando seu léxico e sua maneira de pensar. Juntamente com a revisão, a reescrita também traz enormes melhorias na escrita do aluno, ele passa a escrever melhor e mais corretamente. E por último, e talvez até mais importante, o hábito de escrever e

reescrever textos faz com que ele acostume-se e com o tempo tenha mais facilidade no momento da produção, pois ele já saberá os procedimentos e será mais ágil na escrita.

As modificações que ocorrem durante a reescrita são chamadas de operadores linguísticos, sendo os mais comuns a adição ou acréscimo, supressão, substituição e deslocamento, que serão discutidos no próximo capítulo.

2 Operações linguísticas discursivas da reescrita

No momento da releitura do texto, surge sempre a necessidade de fazer modificações. Para isso, o escritor usa métodos para fazer mudanças visando sempre à melhoria do seu texto. Esses métodos são denominados operações linguísticas, que foram sistematizadas por Fabre (1986 apud GASPAROTTO; MENEGASSI, 2013, p.31) como: adição ou acréscimo, supressão, substituição e deslocamento.

2.1 Adição ou acréscimo

“Essa operação linguística trata-se de um acréscimo gráfico, de palavra, de sintagma, de uma ou de várias frases”. Sobre o acréscimo, Fabre (1986 apud MENEGASSI, 2001, p.51) realizou uma pesquisa e observou que esse operador ocorre tanto em um nível mais superficial como na alteração do conteúdo do texto.

Em outra pesquisa, Fiad (1991), citado por Menegassi (2001), percebeu que a adição é um dos operadores que ocorrem relacionados com as observações feitas pelo leitor ao escritor. E, conseqüentemente, os comentários do professor influenciam bastante na reescrita do aluno em relação a esse operador. E também é uma das operações mais sugeridas pelo professor e uma das mais atendidas pelos alunos.

Em sua pesquisa, Menegassi (2001) observou que a questão do acréscimo é a mais realizada por abranger várias vertentes, como grafemas, palavras, sintagmas, orações e sentenças. E nesse contexto todos podem ser acrescentados a um texto.

Apesar de poder fazer modificações de maneira independente, o aluno prefere a orientação do professor, e a sua forma de fazer esse comentário influencia bastante na reescrita do aluno. Quando o “erro” é apenas mostrado, o aluno faz a mudança de forma simplória. Todavia, quando existe um comentário em relação ao que o professor quer mostrar, ou seja, “sugestões mais precisas” (MENEGASSI, 2001, p.56), os alunos tendem a fazer uma reescrita com mais qualidade.

2.2 Supressão

Esta operação linguística diz respeito à supressão de algum segmento textual, sem uma substituição, ou seja, é a retirada de alguma parte do texto.

É uma operação fácil de ser compreendida pelo aluno, já que é basicamente a retirada de algum elemento. Nesse operador, é também necessário um comentário mais preciso por parte do professor para que o aluno possa se situar e entender o que realmente o professor quer mostrar.

Menegassi (2001) observou que o comentário do professor optando pela substituição leva à supressão, por ser mais fácil de ser realizada. Pois é mais difícil para o aluno procurar palavras ou expressões, então, para ele será mais fácil apenas retirar o ‘erro’ apontado pelo professor.

2.3 Substituição

A substituição refere-se à mudança de alguma parte do texto por outra, há a supressão seguida da substituição. Assim como o acréscimo, esse operador é um dos mais realizados na hora da reescrita de textos.

Por mais que seja diferente a forma do professor mostrar os erros de acordo com os elementos textuais, esse operador é basicamente o mais fácil de ser atendido e compreendido pelo aluno, pois sua compreensão é simples e de fácil execução.

Porém é nítido que quando o comentário do professor é mais específico, o aluno tende a fazer uma reformulação mais satisfatória, deixando claro que “a reescrita deve ser encarada de maneira contínua no processo de construção textual,

por isso a revisão deve ocorrer para que novas versões do texto se realizem” (MENEGASSI, 2001, p. 61).

2.4 Deslocamento

É a mudança da ordem de elementos dentro do texto, geralmente é uma mudança de orações e/ou parágrafos. Este operador é um dos mais difíceis de ser realizado pelo aluno, de acordo com pesquisa realizada por Menegassi (2001).

O que foi percebido na pesquisa do citado autor é que se o professor não fizer um comentário claro sobre a mudança de elementos no texto, o aluno não conseguirá realizá-lo. O que vai acontecer é basicamente a supressão de algumas partes do texto e isso não seria adequado, pois o deslocamento não corresponde a erros propriamente ditos, mas numa organização do texto.

Então, nesse caso, o comentário do professor precisa ser o mais claro possível para que o aluno consiga realizar o que é esperado, ficando evidente a importância da mediação do professor no momento da reescrita.

3 A mediação do professor na reescrita de textos

Nesta seção, discutimos a mediação do professor na reescrita de textos do aluno. No entanto, precisamos deixar claro que a mediação do professor começa antes, podendo ocorrer na correção e revisão e intensificando-se na reescrita. Por isso, antes de abordarmos a mediação do professor na reescrita, começamos pela mediação do professor na correção e revisão.

3.1 A mediação do professor na correção e revisão

Conforme já dissemos neste trabalho, a correção e a revisão caminham lado a lado, mas possuem suas diferenças, porém as duas também precisam da mediação do professor. Diferentemente da reescrita, que busca no aluno principalmente uma reflexão, um novo olhar sobre seu próprio texto, a correção e a revisão são duas etapas que buscam o aprimoramento da escrita, mas para isso é necessário uma mediação que proporcione tal aprendizado.

No momento em que o professor toma em mãos o texto do aluno, ele começa a lê-lo e passa a observar o que foi escrito, notando os possíveis erros cometidos, e assim já começa a fazer suas próprias análises.

Sendo assim, a primeira mediação do professor vai ocorrer na correção do texto produzido pelo aluno para fazer as observações gramaticais possíveis, realizando as primeiras anotações no texto. Geralmente, essas anotações ocorrem de forma que já se explicita ao aluno o que está errado e ele apenas vai pegar e corrigir, é a correção resolutive.

Gasparotto e Menegassi (2013, p. 37) entendem que “as correções resolutivas tornam a reescrita mais prática, porém não exigem esforço dos alunos”. Por isso, em lugar das estratégias resolutivas, sugerem ao professor que as correções no texto do aluno sejam feitas em forma de indicações, para que o próprio aluno consiga identificar seus erros e corrigi-los, complementadas pela correção classificatória.

Sugerimos também que ela classificasse os erros que eram reincidentes no texto, marcando, por exemplo, a palavra ortografia, ao lado dos períodos com bastantes erros ortográficos. Nossa justificativa para essa abordagem foi a de que, mesmo que num primeiro momento a aluna apresentasse resistência ou não conseguisse corrigir seu texto, o trabalho contínuo levaria à futura autonomia da aluna quanto ao trabalho de revisão textual (GASPAROTTO; MENEGASSI, 2013, p. 37).

Esse tipo de mediação mostra a insistência do professor com seu aluno, querendo torná-lo capaz de saber identificar seus erros, já que apenas mostrá-los seria de certa forma ineficiente para algum tipo de aprendizagem.

Na revisão também é necessário que haja a mediação do professor. Neste momento, o aluno vai observar seu texto e ver se tudo está de acordo com o que foi planejado: o tema, a coerência, a coesão. E é nesse momento que surge o professor como mediador para mostrar de alguma forma ao aluno se esses detalhes estão em ordem, observando o planejamento que foi feito anteriormente para ele perceber se seguiu o que havia de fato planejado. A partir daí ele começará a fazer a reescrita.

3.2 A mediação do professor na reescrita de texto do aluno

Agora surge a oportunidade de se fazer as modificações propriamente ditas no texto. A partir da revisão é que o aluno vai observar o que deve ser mudado em seu texto, mas não apenas o que é considerado inútil, mas sim modificações que surgem dele, quando são usados os operadores linguísticos.

O aluno passa a fazer adições ou substituições em seu texto e até supressões e deslocamentos, visando a melhorá-lo. É nessa fase que ele precisa de um mediador que o ajude nessas modificações para não ocorrerem de forma desordenada. É a hora da mediação do professor.

Concebamos que essa atividade (escrita) como um processo que não se dará de uma hora para outra e reservemos, em nossas aulas, um espaço de escritura para que o aluno possa se voltar sobre o seu texto, “escutá-lo”, sofrer os efeitos de sua escuta e de sua escrita, e que as intervenções didáticas sobre os textos dos alunos não incidam apenas sobre os aspectos formais; e mais, que a emergência de algumas “ocorrências singulares” não sejam vistas como falta de atenção, brincadeiras do aluno ou mesmo como indícios de um não saber, mas como “pontos heterogêneos em que o sujeito se mostra pela dominância da língua e pelos deslizos dos sentidos” (BUARQUE, 2013, p. 177).

A reescrita mediada pelo professor deve ter seu momento dentro da sala de aula, depois de todas as etapas feitas, e visto que o aluno não é capaz de reescrever seu texto sozinho, o professor passa a intervir juntamente a ele. A metodologia que o professor usa é bastante importante para a aprendizagem do aluno.

Para Suassuna (2011), a mediação do professor é indispensável na reescrita do texto:

Torna-se indiscutível, assim, o papel do papel do professor como mediador da aprendizagem. Essa mediação do professor é um fator determinante do sucesso que o aluno possa ter em seu processo de aquisição e desenvolvimento da escrita. As leituras que tomam os textos dos alunos como unidades de sentido têm se revelado mais produtivas do que aquelas que apenas focalizaram partes do texto ou seus aspectos gramaticais (SUASSUNA, 2011, p. 120).

A autora destaca a importância do professor na mediação da reescrita do texto do aluno para que este possa se apropriar das práticas discursivas.

De acordo com a pesquisa de Leite e Pereira (2012, p. 16), “[...] a reescrita coletiva é uma estratégia de reelaboração textual monitorada pelo professor. Ela consiste na refacção de aspectos problemáticos de um texto ou de fragmento(s) de texto(s), a depender dos objetivos e critérios eleitos para a tarefa”.

Assim, o professor pode fazer uma mediação coletiva, usando o texto de aluno como modelo para toda a classe, seria uma forma de exemplo, como os alunos deveriam fazer essa reescrita. Neste caso, o professor atua como o articulador da atividade, coordenando as intervenções dos alunos, indagando e negociando as melhores alternativas para o texto objeto de análise, cuja atuação acaba sendo também uma forma de interação com a turma.

Porém, como cita Suassuna (2011), o professor não pode apenas querer agradar o aluno na sua reescrita, ele tem que mostrar também os pontos negativos, numa forma de avaliação, a fim de que o aluno possa compreender como de fato um texto deve ser escrito, e que para isso possui parâmetros textuais a serem seguidos, tanto funcionais como formais.

Esse papel de mediador é dado principalmente ao professor que, com sua experiência, tem a capacidade de fazer com que o aluno possa refletir e atentar-se a detalhes que fazem diferença na escrita de um bom texto.

4 Percurso metodológico da pesquisa

Nesta seção, apresentamos a metodologia utilizada para realização da pesquisa, especificando o tipo de pesquisa realizada, o contexto empírico, os participantes da pesquisa e os instrumentos para geração de dados.

4.1 Tipo de pesquisa e métodos

A metodologia adotada tem por base a abordagem qualitativa. Para Oliveira (2010, p.37), a pesquisa qualitativa consiste em um “[...] processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Assim, a pesquisa qualitativa se apresenta adequada ao estudo aqui

pretendido, uma vez que objetiva a análise, descrição e compreensão do fenômeno com maior riqueza de detalhes.

Os métodos de execução são o bibliográfico e o observacional, com fundamentação teórica dos aspectos abordados e observação da prática da reescrita textual em sala de aula do 9º ano do ensino fundamental.

4.2 Contexto empírico

O contexto empírico dessa pesquisa é a Escola Raimundo Wall Ferraz, da rede pública estadual de ensino, localizada no bairro Água Mineral, zona norte da cidade de Teresina-PI. A escola atende o ensino regular nos níveis fundamental e médio, nos turnos manhã e tarde; e à noite funciona a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escolha da unidade escolar deu-se de forma intencional devido ser uma escola da rede pública que proporciona aos alunos do ensino fundamental a prática de reescrita textual. Optamos por investigar a reescrita de textos no 9º ano do ensino fundamental por encerrar o ensino fundamental e ser a porta de entrada para o ensino médio.

4.3 Participantes da pesquisa

Os participantes selecionados para a pesquisa foram uma professora que atua no 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Raimundo Wall Ferraz, e os 12 (doze) alunos de sua turma, dos quais apenas 5(cinco) fizeram a produção de texto e somente 2(dois) realizaram a etapa da reescrita. no primeiro semestre de 2015.

4.4 Instrumentos para geração de dados

Os instrumentos utilizados para geração de dados foram um roteiro de entrevista padronizado para obtenção de dados junto à professora participante da

pesquisa, e uma ficha de observação para anotação dos dados observados em sala de aula sobre a mediação da professora no processo de reescrita textual.

5 Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, analisamos e discutimos os dados gerados pela entrevista com a professora participante da pesquisa (licenciada em Letras-Português), observação na sala de aula com os alunos da turma regida pela professora e análise de 2 (dois) textos produzidos e reescritos pelos alunos.

5.1 Análise da entrevista com a professora mediadora

Para preservar a identidade da professora colaboradora, vamos denominá-la apenas de professora, omitindo intencionalmente o seu nome.

A professora entrevistada disse que considera a reescrita textual importante para a formação dos alunos, pois assim eles observam seus ‘erros’ e através da prática podem resolvê-los. Ela afirmou que no decorrer dos seus anos de experiência os maiores erros identificados nas produções textuais dos alunos são a coerência, a coesão e paragrafação.

Na entrevista, quando perguntamos como era a metodologia utilizada por ela na reescrita de texto, a professora disse:

Primeiro, peço que eles elaborem um texto de um determinado tipo, em seguida lemos o mesmo; depois falo do tipo em questão mostrando as características e peço para cada aluno observar se o texto deles tem tais características. Depois começamos a fazer a reescrita.

Analisando a resposta da professora sobre a metodologia utilizada por ela na reescrita de texto, percebemos que a docente adota a sequência das etapas do processo de escrita: começa da produção do texto, em seguida faz a revisão, e depois põe em prática a reescrita.

Entretanto, os aspectos da resposta relacionados à revisão e à reescrita merecem uma discussão mais detalhada. Podemos ver que ela não faz a correção dos aspectos gramaticais, voltando-se mais para as características do tipo textual ou do gênero textual solicitado. Como sugerem Gasparotto e Menegassi (2013), essa correção é necessária para que o aluno possa identificar seus erros, de modo que não os repita novamente.

Em sua resposta, a professora não detalha como faz a etapa da reescrita, limitando-se a dizer: “Depois começamos a fazer a reescrita”.

Continuando a entrevista, ao perguntarmos como era feita a mediação da reescrita, a professora respondeu:

Eu tento fazer esta mediação mostrando e chamando atenção deles para os seus ‘erros’ e falando da importância de escrever textos.

Na resposta sobre a mediação na reescrita, a professora não fornece detalhes sobre a sua atuação. Dessa forma, as palavras da professora não esclarecem suficientemente sobre a mediação na reescrita de textos dos alunos. Entendemos que ela faz a mediação da reescrita juntamente com a revisão. Por isso, procuramos observar como se dá a mediação da professora em sala de aula.

5.2 Análise da observação em sala de aula sobre a mediação da professora

No dia agendado para a observação em sala de aula, a professora disse que modificou a estratégia para trabalhar a reescrita. Explicou que usaria o texto de uma aluna como modelo para trabalhar a reescrita, que ocorreria de uma forma coletiva. Conforme citada por Leite e Pereira (2012), essa modalidade de mediação leva os alunos a pensarem de forma coletiva sobre as mudanças que podem ser feitas no texto, o que supostamente seria mais fácil para os alunos, porém, houve um problema e a sistemática da mediação teve que ser mudada.

De início, a professora comunicou aos alunos que a proposta de produção textual não foi atendida, ou seja, que a maioria deles não escreveu um texto narrativo, com temática livre.

Após essa explicação, a professora começou a orientar como era produzido um texto narrativo, enumerando seus elementos e discutindo as características com os alunos. Em seguida, entregou aos alunos os textos produzidos por eles em sua primeira versão e pediu que cada um reescrevesse o seu texto.

Seguindo a orientação da professora, os alunos começaram a reescrever o texto, com foco no tipo textual narrativo. Enquanto os alunos reescreviam o texto, a professora circulava pela sala ajudando-os de forma individual, mediando o processo de reescrita dos textos juntamente com a revisão. Como sugerido por Buarque (2013), os alunos tiveram dois horários para a reescrita de seus textos.

5.3 Análise da reescrita em textos produzidos pelos alunos

Analizamos dois textos reescritos em sala de aula, nos quais mostramos os resultados da mediação da professora. Denominamos os alunos participantes de A1 e A2 e digitamos as produções textuais para preservar a identidade dos colaboradores. O primeiro texto escrito é de autoria de A1 (Figura 1).

Figura 1- Texto escrito pela aluna A1

A adolescência

Se Buscarmos a definição de adolescência, vamos descobrir que a origem da Palavra vem do latim “ADolecentia”, que significa Período da vida humana entre a infância e a Fase adulta. Vamos encontrar ainda quem define adolescência como uma Fase natural de vida marcada Pelas transformações Biológicas e comportamentais. Alguns Pesquisadores vão entender e descrever a adolescência como um Processo de construção social e histórico como sugerido no artigo “Adolescência como uma construção social”.

Como vimos, são muitas as definições que tentam explicar a adolescência. Algumas definições utilizam conceitos, o que sabemos atualmente, é que a adolescência é o resultado de uma construção social, significada historicamente, que hoje se caracteriza. É importante desconstruir a visão de adolescência como uma Fase de crise e olhar criticamente Para o Perfil rotulado do adolescente vista como “aborrecente”. É a Fase que marca a transição entre a infância e a Idade adulta.

Como isso essa Fase caracteriza-se Por alterações em diversos níveis – Físico, mental e social – e a representa Para o indivíduo um Processo de distanciamento de Formas de comportamento e Privilegios típicos da infância e de aquisição de características e competências que a capacitem a assumir os deveres e Papéis sociais do adulto. Vale ressaltar que a idade da adolescência varia culturalmente de nação Para nação.

Fonte: Pesquisa direta

Em sua escrita, A1 produziu um texto dissertativo, no qual argumenta sobre a adolescência. Porém, a professora solicitou que os alunos escrevessem um texto narrativo. No dia da aula da reescrita, a professora explicou sobre as características do tipo textual narrativo e a aluna A1 fez a reescritura de seu texto (Figura 2).

Figura 2- Texto reescrito pela aluna A1

A adolescência

Uma menina que já esta virando adolecênte cuja o nome é Paula esta aniversariando. Seus amigos Planejavam Fazer uma Festa surpresa, os Pais de Paula ajudaram os colegas de Paula Porque eram um dia muito importante Para ela, Pois Paula já esta virando uma adolecênte, A Palavra “Adolecência” significa Período de vida humana entre infância e a Fase adulta.

Só que nesse dia ocorreu um Problema não conseguiram Fazer o Bolo de aniversario de Paula A tempo Pois estava encima da hora do deu aniversario. Paula chagou em sua casa seus amigos acenderam as luzes e comessara a cantar os ParaBens mais Paula não viu o seu Bolo seus amigos Pensaram que ela ia Ficar triste mais não Paula Ficou muito Feliz Por ver todos os seus amigos reunidos em sua casa no dia, o dia em que Paula estava virando adolecênte. Paula estava completando 18 anos de idade.

Fonte: Pesquisa direta

Na reescrita, A1 reescreveu o texto inicial e produziu uma narrativa contando a história de uma menina que estava passando para a fase da adolescência e usou 03 (três) operações linguísticas: a substituição, a adição ou acréscimo e o deslocamento. A reescrita do texto da A1 está de acordo com Buarque (2013), para quem a reescrita pode ser total ou parcial.

O segundo texto analisado é de um aluno que denominados de A2 e narra a sua infância (Figura 3).

Figura 3 - Texto escrito pelo aluno A2

Minha infância

Na minha época já que eu sou da quele tempo (tenho 18anos) Eu e meus amigos (a maioria meninos só tinha 9 meninas e 16 no nosso grupinho) pegavamos um pedaço de pau no ombro He, He, He ai as vezes nos ia lá e roubava a cortina de casa do meu vizinho para fazer casinha tinha um pai e uma mãe os mais velhos iam ser o resto era os filinhos, era muito legal, nós pegava um machado de debaixo da casa e ficavamos cortando bambu para fazer as casas, quando nós achavamos moveis velhos nois ia pegava pra moviliar a casa, achamos até um violão, quando chovia nos fazia a festa ficava pisando nas possas de lama pra molhar os outros, e brincavamos de guerra de lama, ai nos achamos uma vez uma penca de banana na arvore, continuamos camiando e achamos uma cadeira e uma dinheiro He, He, He, ai fomos la no mercado e compramo um leite condesado pra comer com banana, fomos, lá pra embaixo da casa do vizinho (era tipo uma area de estender roupa) e lá tinha fogãozinho de rua, fizemos banana derretida com leite condesado e banana com leite, tinha até uns cachinhos de uva, minha mãe tinha condões financeiras na época ela me oferecia um monte de roupa mas eu não queria mais eu só queria vestir uma camiseta e um bernuda meio rasgada pra ir brincar com meus amigos concerteza foi a melhor época da minha vida. se eu pudesse eu volta eu volta no tempo para sempre para o do dia ser aquilo.

Fonte: Pesquisa direta

Após a explicação da professora sobre texto narrativo, A2 fez a reescrita de seu texto (Figura 4), que teve a mediação da docente. A professora sentou-se com o aluno à mesa e o ajudou a reescrever o seu texto sobre a própria infância.

Figura 4 – Versão final do texto do aluno A2

Minha infância

No ano de 2001 na cidade de Campo Maior eu e um grupo de amigos nos acostumavam de brincar nas poças de lama quando chovia.

Nas nossas brincadeiras costumávamos encontrar violão, dinheiro, cadeira velha e um cacho de banana.

Com o dinheiro que a gente encontrou fomos no mercado comprar uma caixa de leite condensado pra comer com banana frita.

Com certeza foi a melhor época da minha vida, se eu pudesse voltar no tempo voltaria sempre para aqueles dias.

Fonte: Pesquisa direta

De início, podemos notar no texto reescrito a melhoria da paragrafação, pois na primeira versão o texto tem apenas um parágrafo do início ao fim. Já na versão final, o texto apresenta, mesmo que de forma reduzida, quatro parágrafos.

No começo do primeiro parágrafo do texto reescrito, já vemos as modificações que o aluno A2 fez, de início ele cita o local onde ocorreu a história, que é uma das características que foram apontadas pela professora: o lugar ou cenário onde se desenvolve a narrativa. Na primeira versão, vimos também o uso de expressões usadas bastante na linguagem da internet, o chamado internetês: a expressão 'He, He, He', que expressa sorrisos, suprimidas na versão final.

Há também o deslocamento de trechos do texto, como por exemplo, quando A2 narra a brincadeira na lama, na primeira versão, se encontra no meio de texto; na versão final, aparece no primeiro parágrafo.

Apesar de não acontecer a correção do texto pela professora, os erros gramaticais ocorreram em menor quantidade na segunda versão e isso se deve ao fato de que a professora estava ao lado do aluno no momento da reescrita do texto.

Essa redução dos erros gramaticais também pode ser atribuída ao fato da supressão que ocorreu no texto.

Ainda em relação ao texto reescrito do aluno A2, notamos que na versão final a história ficou bastante reduzida, houve a supressão de vários elementos textuais. Na primeira versão, A2 procurou contar passagens marcantes de sua infância, mostrando detalhes e o que ele gostava de fazer; na versão final, ele deu ênfase apenas a uma brincadeira, reduzindo bastante a história.

A mediação da professora na reescrita dos dois textos analisados buscava mais a compreensão do que é e como produzir um texto narrativo para reescrever um texto contemplando os elementos e as características desse tipo textual, não havendo preocupação com a correção dos erros apresentados na versão inicial.

Considerações finais

Com base em entrevista, observação em sala de aula e análise de textos dos alunos, notamos que a professora demonstra muita dedicação e busca fazer a mediação na reescrita de textos da melhor forma possível. No entanto, verificamos que a correção dos textos não foi priorizada pela professora, apesar de ser uma etapa de grande importância para a reescrita. As etapas da revisão e correção do texto permitirão uma reescrita adequada com as devidas reformulações (GASPAROTTO; MENEGASSI, 2013).

A professora participante da pesquisa focou a mediação apenas no momento da reescrita e, com isso, muitos erros gramaticais presentes na primeira versão também foram mantidos na versão final dos textos após a reescrita, embora que em menor quantidade.

Os resultados da análise da mediação da professora na reescrita de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental mostram que no decorrer do processo de reescrita dos 2 (dois) textos analisados ocorreram as operações linguísticas de adição ou acréscimo, substituição, supressão e deslocamento.

Em nosso trabalho, constatamos que a mediação do professor na reescrita de textos é imprescindível no ensino-aprendizagem dos alunos do 9º ano do ensino fundamental. A experiência e a visão do professor dão aos alunos uma ampliação de

pensamentos que possibilitam refletir sobre o que escreveram em um primeiro momento e depois possam reescrever os seus textos para chegar a uma versão definitiva.

Constatamos ainda que a realidade da educação na escola pública dificulta a realização do trabalho da reescrita. No entanto, ressaltamos que existem iniciativas de professores que procuram realizar esse tipo de trabalho, como é o caso da professora que entrevistamos e observamos em sala de aula.

Sugerimos que a mediação de professores no trabalho de reescrita de textos de alunos do ensino fundamental seja objeto de novas pesquisas e que possa constituir-se em uma área de investigação que desperte o interesse de outros pesquisadores.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003 (Série Aula; 1).

BUARQUE, Regina Lúcia. **Reescrita e textos na escola: efeitos da interferência de uma professora em processos de produção textual**. Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, v.1, n.1, 2013.

GASPAROTO, Denise Moreira; MENEGASSI, José Renilson. **Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel-PR, 24 a 26 de outubro de 2012.

_____. **A mediação do professor na revisão e reescrita de textos de aluno de ensino médio**. Calidoscópico, v. 11, n.1, 2013, p. 29-43.

LEITE, Evandro Gonçalves; PEREIRA, Regina Celi Mendes. **A construção da autoria na reescrita de textos: efeitos da interação professor-aluno**. Revista Letras, Curitiba, Editora da UFPR, n.85, p. 11-27, jan./jun. 2012.

MENEGASSI, Renilson José. **Da revisão à reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto**. Mimesis, v.22, n.1, p. 49-68, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SUASSUNA, Livia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 119-134.